

Mulheres e Crianças na vida e nos Escritos de Gailhac



Conferências de Ir. Kathleen Connell, RSCM
Para a Província Européla do Norte

**MULHERES E CRIANÇAS NA VIDA E
NOS ESCRITOS DE GAILHAC.**

Conferencias de Ir. Kathleen Connell, RSCM
Para a Província Europeia do Norte
Abril de 2003

I. MISSÃO DE GAILHAC E DAS PRIMEIRAS IRMÃS JUNTO À MULHER

A Consistência da Visão de Gailhac:

Outro dia, por acaso, vi uma das últimas cartas escritas por Gailhac. Sua data: 23 de fevereiro de 1888. Foi enviada a todas as comunidades fora de Béziers: Lisburn, Porto, Seaforth, Braga, Sag Harbor e Chaves. Nessa carta Gailhac dizia que fazia muito tempo que ele não conseguia escrever-lhes. Sentia-se pesaroso por isso. Não conseguia escrever tanto por causa de sua fraqueza física, como por causa de suas preocupações. Nessa época, Gailhac tinha 86 anos.

Ele continua:

Apesar da fraqueza do meu corpo, meu coração não enfraqueceu e minha alma não perdeu a sua memória. As minhas filhas estão sempre presentes no meu espírito e nunca deixaram o meu coração. Nunca me aproximo do altar sagrado sem levar todas comigo para uni-las a Jesus.

Oh, queridas filhas, nunca se separem deste bom Jesus cujo amor por nós é tão grande, tão maravilhoso o seu desejo de estar entre nós, que desceu do Céu e revestiu-se de nossa humanidade para nos erguer da queda e pagar nossas dívidas, oferecendo-se em sacrifício. Ele abriu seu coração para que aí pudéssemos encontrar todas as graças de que precisamos para tornarmo-nos um com Ele. Sem dívida, Ele veio para salvar o mundo, mas escolheu-as para que possam ser sua continuação e seus instrumentos

para O ajudarem a realizar sua Obra... Oh... que maravilhosa, santa e gloriosa vocação!

Não há nada de novo nessa carta. Ele disse muitas e muitas vezes, antes, que nós somos chamadas a ser uma com Cristo e assim, continuar a sua obra de salvação. Isso é até um eco da carta de Abril de 1883: “A pessoa verdadeiramente ressuscitada deve estar plena do Espírito de Jesus Cristo; sua vida deve refletir a vida de Jesus Cristo. Estar ressuscitada é estar transformada: é ser uma com Jesus Cristo.”

No passado, tenho que admitir, as cartas de Gailhac me aborreciam pela sua repetição. Mas, desde 1990, comecei a considerá-las um tesouro, especialmente à luz de nossa nova compreensão da Comunhão dos Santos. (cf. Elisabeth Johnson, CSJ, *Friends of God and Profets.*) Eu acredito que, mesmo agora, nós estamos presentes em seu espírito, ele nos tem em seu coração com um amor especial, que ele intercede incessantemente por nós para que sejamos fiéis à nossa vocação – ser uma com Jesus Cristo e ser sua continuação na terra.

Gailhac foi de uma consciência remarcável e todos os aspectos do nosso “carisma” refletem essa visão consistente. Sendo uma com Jesus Cristo, nós estamos “voltadas para Deus” (Jo.1,2); sendo uma com Jesus Cristo, nós continuamos sua Obra de Salvação – tornando Deus conhecido e amado, levando vida plena a todos; sendo uma com Jesus Cristo, nós partilhamos, continuamente, de Seu Mistério Pascal, sua paixão, morte e ressurreição.

O conselho Geral, em sua carta para o Natal de 2002, lembra-nos dos frutos da visão de Gailhac: “a transformação na vida de milhares de pessoas, particularmente de mulheres e crianças, tem sido o resultado de sua confiança em Deus e do seu cuidado pelos mais vulneráveis de seu tempo”. O Conselho Geral convidou-nos, então, a celebrar os 200 anos do nascimento de Gailhac “através de maior aprendizagem de sua vida, rezando e pedindo-lhe para partilharmos do espírito que o levou a dar vida às mulheres e crianças, as pessoas mais vulneráveis da sociedade”.

Assim ao considerarmos nossos primeiros ministérios para mulheres e crianças à luz do chamado ao Instituto feito pelo Capítulo Geral de 2001,

a enfocar nossa ação pela justiça, especialmente nas mulheres e crianças, quero enfatizar, desde o início que para Gailhac e para nossas primeiras Irmãs, o testemunho mais forte pelo qual convidamos as pessoas a ficarem conosco hoje, o mais importante aspecto dos ministérios fundacionais, foi a *escolha consciente de identificar suas obras com a Obra de salvação de Jesus Cristo.*

Isto, seguramente, foi a perspectiva que tiveram; esta deve ser nossa perspectiva na medida em que atuamos em favor das mulheres e crianças marginalizadas de nosso tempo.

Primeiro Ministério de Gailhac com mulheres

Gostaria de rever com vocês o início da vida ministerial de Gailhac, como jovem sacerdote no “*Hotel Dieu*”. Numa carta sem data (provavelmente escrita em 1832-33) a uma Religiosa do Refúgio de Montpellier, ele escreve:

“Tenho um favor a pedir-lhe. O que devo dizer? Não, não sou eu. É Jesus Cristo, o Salvador, de nossas almas...é nosso Redentor que está lhe pedindo. Uma das ovelhas que Ele tanto ama está em perigo. Procure ajudá-la. Essa ovelha é Adelaide. É por ela que estou escrevendo. É por ela que Jesus Cristo está lhe pedindo” (Escritos 4117-4118)

Cinquenta anos depois, em 1881, Gailhac escreve ao Cardeal Hohenlohe, nosso Cardeal Protetor: *“Ainda muito jovem, antes de me tornar padre, Deus inspirou-me com o desejo de abrir uma instituição para salvar jovens mulheres desprotegidas no mundo. (GE/7/III/81/A)”*.

É importante notar: para *salvar* essas jovens mulheres, não para julgá-las, nem para condená-las. Para *salvá-las*, encontrá-las e levá-las para casa.

Nós conhecemos a estória do menino Gailhac dando seus sapatos e suas calças de veludo a um menino pobre. Eu me pergunto se, quando “ainda jovem” ele viu, nas ruas de Béziers, jovens mulheres desprotegidas no mundo, necessitando serem “salvas”, tanto espiritual como materialmente.

Foi o Abbé Martin que plantou a semente no jovem Gailhac? Como explicou essa realidade a Gailhac?

Herbert Alphonso, SJ, que escreve e prega sobre “Vocação Pessoal”, sustenta que todo cristão é chamado a viver uma “face” particular de Jesus. Adelaide, “uma das ovelhas tão amadas” por Jesus, indiretamente nos introduz a face de Jesus que o jovem Gailhac assumiu: Jesus, o Bom Pastor. Esta seria a face de Cristo que foi a principal para Gailhac durante toda a sua vida. Ao Refúgio, fundado em 1834, ele deu o nome de Bom Pastor. Uma Congregação de Padres e Irmãos foi fundada por Gailhac com o título Congregação dos Padres do Bom Pastor. Sua Regra refletia a Missão, partilhada com Jesus Cristo, o Bom Pastor.

O Bom Pastor foi a figura Central do Sacerdócio de Gailhac. Em memória de Abbé Martin, Gailhac restaurou o busto de seu mentor que havia sido inaugurado em 1852, no átrio de Santo Afrodísio. A inscrição diz: “Este monumento foi restaurado em 1889 por um filho desta paróquia, hoje adiantado em anos e que sempre teve este bom pastor como modelo”.

Rosa do Carmo Sampaio, falando sobre a vida ministerial de Gailhac antes da fundação das RSCM, escreveu: “Para ele, as mulheres do Refúgio, as crianças órfãs, os doentes e todos aqueles que o procuravam no confessionário ou na pregação eram o seu povo”. Gailhac foi capaz de integrar sua vida sacerdotal com seu ministério e suas cruzes, centrando sua vida em Jesus Cristo, o Bom Pastor, cujo amor em nós é a fonte da nossa fé e zelo. (constituições, §9).

Gailhac abriu o Refúgio em Béziers, em 1834, para oferecer um local seguro às mulheres que já estiveram na prostituição, um lugar e um espaço para elas “tornarem-se elas mesmas.” Elas eram lembradas do amor de Deus por elas e tinham a oportunidade de aprender novas habilidades, por exemplo, bordado e costura – assim, elas teriam outras formas de geração de renda para auto-sustentação. Em 1837 havia trinta e duas mulheres no Refúgio. Podemos concluir que muitas dessas mulheres foram ali “empoderadas” e ao saírem começavam vida nova.

O trabalho no Refúgio, certamente, não foi fácil. Recordemos: Um grupo de leigas e três Congregações Religiosas cuidaram do Refúgio antes de Mère Saint Jean e de nossas primeiras Irmãs se responsabilizarem por ele. Rosa do Carmo escreve que o Pe. Gailhac, em carta à Mère Saint Jean, escrita a 29 de agosto de 1849, admitiu que estava tão irritado que não conseguia fazer nada e, Mère Saint Jean, após falar sobre seus primeiros meses no Instituto, escreve: “Espero que o ano que vai começar (1850) não seja tão cheio de amarguras, angústias e provações como o que terminou” (Mère Saint Jean para Gailhac, 31 de Dez. 1849).

Muitas vezes penso que o trabalho de Mère Saint Cyprien Froment no Refúgio pode ter apressado sua morte prematura. Certamente não foi fácil para ela ter sido encarregada da supervisão do Refúgio. Sabemos que, num determinado momento, duas mulheres foram feridas tentando pular o muro do Refúgio e, em outro momento, sete mulheres foram expulsas por comportamento incorrigível.

O que estava acontecendo no Refúgio? Dificuldades não surpreendiam um homem que escreveu: “Deus está aqui e, consequentemente, também a cruz”. No entanto, Gailhac e as primeiras irmãs devem ter sentido, no decorrer do tempo, que algumas mulheres do Refúgio não tinham interesse em mudar de vida; as irmãs devem ter visto que estavam colocando energia numa obra onde não conseguiam resultados positivos.

“Mesmo o Pe. Gailhac, que tanto sofrera no Refúgio, entendeu que a vontade de Deus passava pela *transformação* dessa obra” (Rosa do Carmo Sampaio 1, 113) Sabemos que algumas mulheres foram transferidas para o Refúgio de Montpellier, algumas ficaram como Irmãs da Virgem, membros da Ordem Terceira fundada por Gailhac para elas. Mas, *algumas foram mandadas embora*.

Estou lendo um livro de Edwina Gately com o título: *Almas Irmãs: Mulheres das Escrituras falam para as Mulheres de hoje*. A autora é fundadora da Casa Gênese de Chicago, residência e programa de recuperação para mulheres da prostituição. Ela descreve em poesia, algumas das mulheres encontradas por Jesus e reflete: “Senti que, finalmente, eu as encontrei. De

fato, as encontrei. Eram mulheres que encontrei e liguei à minha própria vida. Eram boas donas de casa, trabalhadoras do sexo, crianças de rua, velhas professoras, mães, aposentadas e todas conheciam Jesus”. Sem dúvida, mulheres como a Samaritana, a Mulher Arrependida, a Mulher Apanhada em Adultério, acharam seu caminho para o nosso Refúgio e aí encontraram compaixão, esperança e vida nova. Foram erguidas de sua humilhação pela presença de Jesus que aí encontraram. Provavelmente, na Palestina havia também mulheres na prostituição e pecadoras que não conseguiam corresponder à oferta de cura feita por Jesus. Seu tempo de conversão ainda não tinha chegado.

A transformação do Refúgio em Preservação para jovens “que estavam expostas a diversos perigos” ajuda-nos a ver que Gailhac e as primeiras Irmãs tiveram que discernir, em oração e realísticamente, o que podiam fazer e para quem. As RSCM que hoje têm ministério junto às “Mulheres de rua” sintam-se encorajadas por esse exemplo. Nossas primeiras Irmãs eram somente postulantes e noviças de primeiro ano, nessa época, mas elas já sabiam que, para se fazer a Obra de Jesus Cristo, é necessário ter abertura a mudanças.

Em 1857, havia 60 adolescentes e jovens entre 12 e 18 anos na Preservação. Uma Irmã, raramente mencionada, deve ser evidenciada aqui: Mère Saint Paul Mestre. Ela dirigiu e ensinou na Preservação por toda a sua vida religiosa. Provavelmente, substituiu Mère Saint Cyprien após sua morte em 1856. Seis Religiosas ensinavam na Preservação e no Orfanato nos anos 80. Sua idade média era 53 anos e a média do número de anos de serviço foi de 30 anos. (K.Connell, III)

Parece que ganhamos boa reputação pelo cuidado de adolescentes e jovens com necessidade de supervisão. Por isso, no final dos anos de 1890, fomos convidadas pelo Bispo D. Whiteside de Liverpool, a assumir uma “Escola Industrial” para meninas em Blackbrook.

Mère Saint Alphonsus Keane, na época superiora de Seafield, descreveu o plano do Bispo aos superiores na Casa Mãe: “Essas crianças de 2 a 14 anos, são as crianças abandonadas que perambulam pelas ruas de Liverpool, salvas do antro do pecado e da miséria, na maioria dos casos. Como o Bispo disse:” se a sua Madre Geral soubesse do que elas foram

salvas, ela não hesitaria um só instante”... Nosso Venerável Pai ficaria cheio de alegria diante da perspectiva de salvar essas almas tão queridas de Deus e, quem sabe, ele pediu isso a Deus para o Instituto que ele fundou.(carta de Mère Saint Alphonsus Keane para a Mère Saint Thomas Hennessey, de 15 de março de 1898, Arquivos do SCM/Província Anglo-Irlandesa, H2bi hoje Província Europeia do Norte.)

A fundação foi em 1899, iniciando-se com 30 crianças. Cinco anos depois foi construído um novo prédio para acomodar 120. Ainda não está completa a pesquisa sobre essa fundação(estará terminada para o volume IV de “Uma Caminhada na Fé e no Tempo”), contudo, um relatório anônimo encontrado nos arquivos citam Mère Vincent Foley que, em 1903, sucedeu à primeira diretora, Mère Conception Kenny e dirigiu a Instituição até março de 1929. Um relatório de quatro páginas escritas à mão, sem assinatura e data, encontrado nos arquivos SCM(Província Europeia do Norte, ex Província Anglo-Irlandesa H5hi) descreve o trabalho bem sucedido que se realizava:

“Entre 1904 e 1929, cinquenta adolescentes de 15 anos, em vista de maior chance de sucesso futuro, emigraram para o Canadá. Na maioria dos casos, tiveram bom desempenho. Em 1929, o Inspetor chefe aplicou um questionário para ver quantas condenações havia entre as jovens que saíram de Blackbrook. De 1904 a 1929 foi detectado apenas uma por agressão/assalto e nenhuma que levasse ao Reformatório. As jovens que deixaram “Blackbrook House” foram fiéis ao seu ensino religioso e aos laços matrimoniais. Recebi várias cartas como a que aqui vai incluída. Em todos os casos, as jovens têm ótima lembrança de sua vida escolar em Blackbrook House. Elas amavam e reverenciavam as Irmãs”.

Em 31 de março de 1932, as Irmãs deixaram essa Obra devido a um engano: foi nomeada uma chefia inadequada para a Conduta Correta da Instituição. Não posso dizer mais nada,mas sinto pela perda dessa boa obra.

Uma prestação de contas verbal, diz que Mère Vincent acompanhou, pessoalmente, o primeiro grupo de jovens ao Canadá para certificar-se da colocação das mesmas. No Novo Mundo, as jovens podiam enterrar o passado e começar vida nova (Outro documento diz que a supervisão da

Instituição foi passada para as Irmãs de São Vicente de Paula em 1931) Blackbrook House, sediada em Santa Helena, é hoje o Centro Santa Catarina para jovens. É um Lar Comunitário para jovens mulheres a partir de 14 anos. É administrado pelo Serviço Social Católico de Liverpool.

Hoje somos desafiadas a continuar a responder às necessidades de crianças, adolescentes, jovens e mulheres vulneráveis: física e psicologicamente violentadas, atraídas pelo tráfico internacional do sexo, imigrantes exploradas, prisioneiras, mães solteiras desempregadas, dependentes químicas, mulheres prostituídas.

No Simpósio das RSCM da Província Americana do Oeste, em fevereiro de 2003, Ir. Philippa O'Sullivan descreveu seu trabalho com mulheres, na Zâmbia. Muitas delas são forçadas a entrar na prostituição para poder alimentar seus filhos. Uma irmã idosa da Província Americana do Leste, Ir. Josefa Medina exercia um ministério junto a mulheres muito idosas e abandonadas em Florência, na Colômbia.

Ainda me lembro da visita que ali fiz, há 30 anos. Cerca de 8 mulheres idosas, tiradas da rua, foram levadas a um tipo de albergue. Ir. Josefa as lavava e cortava suas unhas. Ela escovava seus cabelos maltratados e longos que lhes desciam até a cintura. A paz inundava as mulheres, na medida em que esperavam a sua vez. Pareciam saber que estavam na presença de Cristo, que as servia, que escovava seus cabelos, através da Ir. Josefa.

Ir. Philippa perguntou:”De que modo nós, como promotoras da vida, podemos ajudar mulheres e crianças para trabalharem efetivamente para seu próprio desenvolvimento?”

Ensinando Meninas e Mulheres que trabalham em Moinhos e Fábricas

Há muitos modos. Um deles e pelo qual as RSCM possibilitaram mulheres a trabalhar no seu próprio desenvolvimento foi através da educação de meninas e mulheres trabalhadoras. Na primeira fundação em Lisburn, além da oferta de Escola Dominical para mulheres de todas as idades, as Religiosas ofereciam aulas noturnas para mulheres pobres

operárias das fábricas, na área de Lisburn, três noites por semana. Em pouco tempo já havia 80 mulheres na Escola Noturna. Elas aprendiam leitura, escrita, aritmética, catecismo e trabalhos com agulha.

Algum tempo depois, Mère Saint Thomas Hennessey estava preocupada porque o número de mulheres na Escola Noturna estava diminuindo, a cada semana. Ela escreveu a Gailhac:” Reze muito, querido Pai, por nossas estudantes da noite. O inimigo faz tudo para obstruir o bem oferecendo-lhes toda sorte de diversões perigosas”(30 de outubro de 1871) Mère Sainte Croix concorda com a preocupação de Mère Saint Thomas Hennessey e incentiva a Mère Patrice Darcy, superiora de Lisburn, “a fazer tudo, mesmo o impossível” para continuar as aulas noturnas para as trabalhadoras pobres.(CS / 7 / 71)

Quinze anos mais tarde, a superiora de Lisburn, Mère Seraphine Doheny, solicitou apoio financeiro à Comissão Nacional de Educação para a Escola Noturna para mulheres trabalhadoras jovens e adultas pobres. Havia 118 mulheres matriculadas. Desse número, somente 18 eram consideradas adultas com média de idade de 21 anos e meio. A média de idade das outras era de 17 anos e meio. Todas essas mulheres jovens e adultas trabalhavam em pequenas Fábricas, exceção feita a três que diziam ser “serviçais”

A contribuição média das mulheres era de 3/6d por semana. Na Escola Noturna, as professoras eram Religiosas. A instrução era exclusivamente “secular” e incluía leitura, ortografia, escrita, gramática e aritmética. De acordo com as normas do Estado, não era permitida a instrução religiosa na Escola Noturna. O Inspetor do Distrito que examinou a Escola escreveu no seu relatório: “ A Escola Noturna tendo circunstâncias muito favoráveis e grande frequência, eu peço e recomendo que a solicitação seja atendida” E foi. (K. Connell, III)

Em Sag Harbor, New York, havia uma Escola Noturna semelhante para jovens mulheres que não tinham escolaridade regular e trabalhavam em pequenas Fábricas. Em uma carta à Superiora da comunidade de Sag Harbor, Gailhac escreve somente três semanas depois da chegada das Irmãs:”Lendo o que me diz sobre as Escolas Noturnas, saiba, minha querida Superiora, que o seu Instituto foi criado por Deus para as obras de

zelo. É um dever adaptar-se às suas necessidades. (CS /7/IV/77)

Presume-se que a instrução incluía leitura, escrita, aritmética e catecismo. Uma fonte familiar no início da história das RSCM em Sag Harbor, descreveu essas mulheres como pobres, muitas delas imigrantes e sem familiaridade com as formalidades da vida. As Religiosas, conseqüentemente,, tentavam também lhes mostrar como se portar na sociedade. (K.Connell, II,216)

Nossas Irmãs que alfabetizam mulheres e ajudam-nas a conhecer a linguagem ou orientam-nas em questões de saúde, sistemas econômicos ou proporcionam-lhes promoção humana, de qualquer natureza, estão seguindo os passos daquelas Irmãs.

Trazendo estas histórias para os nossos dias.

O que podemos fazer com todas essas histórias, com todas essas memórias de tão significativo testemunho? A terminar esta sessão quero partilhar com vocês o processo que uso com as noviças quando ponderamos sobre a nossa história de RSCM: convido-as a refletir sobre uma seção do livro *Amigos de Deus e Profetas*, escrito por uma das minhas teólogas favoritas, uma americana chamada Elizabeth Johnson, C.S.J. Ela sugere:

“Os santos da terra têm aceso à companhia dos santos do céu, através da memória e da esperança. Esta memória tem aqui o significado de anamnésia: memorial efetivo que faz com que algo, genuinamente do passado, se torne presente e ativo na comunidade, hoje. A lembrança de um acontecimento torna-se força viva na história, quando ele é evocado e narrado. Do próprio recontar vem um poder que muda o horizonte de nossos dias e oferece novas possibilidades de existência.

A anamnésia fundamental da Comunidade Cristã acontece na ação sacramental da Eucaristia, onde a comunidade faz o memorial da morte e ressurreição de Jesus, de tal modo que se torna uma realidade viva e transformante na vida dos que a celebram.

A lembrança cristã dos santos está ligada a esta ação tornando presente na luta criativa e no testemunho de tantos que participaram deste mistério pascal. O recontar de suas histórias traz, às gerações atuais, o poder revolucionário, encorajador e libertador de seu amor e de seu testemunho” (234)

No final da 1ª. Sessão gostaria de deixar-lhes duas questões:

- 1- Que histórias de nossa história você desejaria apropriar-se, tomar como suas próprias histórias?
- 2- Como você recontaria essas histórias tendo em vista transmitir à geração de hoje a Cristã” força revolucionária, encorajadora e libertadora do amor e do testemunho de nossas predecessoras?

II . MISSÃO DE GAILHAC E DAS PRIMEIRAS IRMÃS JUNTO ÀS CRIANÇAS.

Cantemos louvores aos nossos antepassados ilustres, em sua ordem de sucessão. Alguns deles deixaram um nome que ainda é citado com elogios. Eram pessoas de bem, cujos benefícios não foram esquecidos; sua riqueza permanecerá com seus descendentes e sua herança com os filhos de seus filhos.

Os seus descendentes serão fiéis aos mandamentos e também, graças a eles, os seus filhos. Para sempre dura a sua descendência e sua glória não acabará jamais. Os seus corpos serão sepultados em paz mas os seus nomes viverão de geração em geração. Os povos proclamam sua sabedoria e a assembleia anunciará os seus louvores. (Eclesiástico 44, 12-15)

Sandra Schneiders, ICM em seu poderoso artigo “A Ressurreição de Jesus e a Espiritualidade” descreve Jesus como se corporificando em outros seres. Ela afirma que Jesus Ressuscitado pode se corporificar como ele desejar. Ele pode corporificar sua presença como quiser, sem limites físicos. Jesus quis se corporificar na Eucaristia: “Este é o meu corpo” Ele se corporificou no Corpo Místico: “Paulo, Paulo, por que me persegues?” Ele se corporificou no pobre: “Quando fizerdes isto aos pequeninos é a mim que o fazeis”. Ele se corporificou no marginalizado: “Quando eu tive fome tu me deste de comer. Quando eu tive sede, tu me deste de beber” etc... Ele continua a manifestar-se neles e há momentos em que O reconhecemos e O experimentamos presente sob essas aparências.

Então, é-nos adequado olhar a questão do enfoque do nosso ministério RSCM com os mais vulneráveis, neste tempo em que reconhecemos o Cristo Ressuscitado nos mais vulneráveis e afirmamos que o Espírito está conosco à medida em que somos enviadas a continuar a presença de Cristo.

No Evangelho de Marcos(cap.9, 30-37) Jesus e seus discípulos estavam na Galileia e Jesus começou a dizer-lhes que “O Filho do Homem será entregue nas mãos dos homens e eles o matarão e, morto, depois de três dias Ele ressuscitará”. Mas eles não entenderam e começaram a discutir sobre quem dentre eles seria o maior. O texto continua:”Jesus sentou-se, chamou os doze... tomou uma criancinha, colocou-a no meio deles e, pegando-a nos braços disse-lhes: “Aquele que receber uma destas crianças, por causa do meu nome, a mim recebe; e aquele que me recebe, não é a mim que recebe mas sim Aquele que me enviou”. Predizendo sua própria vulnerabilidade, Ele se identificou com a pessoa humana mais vulnerável: a criancinha. E, como Jesus se corporifica onde quer, não há dúvida, de que Ele escolhera se corporificar numa criancinha.

Nós O reconhecemos na criancinha? Na pessoa mais vulnerável?

Órfãs/ãos e Orfanatos

Não tenho dúvida que, dentre todas as crianças que as RSCM serviram, Gailhac teve predileção pelas mais vulneráveis, as órfãs.

O Orfanato começou espontaneamente em 1834. Onde tem ovelhas, haverá cordeiros! Parece que Gailhac não planejou abrir um orfanato. Simplesmente, aconteceu!

No início, os órfãos e mulheres eram alojados na mesma parte do prédio original. Em 1837 havia 32 mulheres e 8 órfãos. Como o orfanato cresceu, as crianças foram transferidas para outra parte do imóvel. Logo após sua entrada na Vida Religiosa, aos 17 anos, Mère Saint Félix Maynard foi encarregada dos órfãos. Lutou, desde o início para criar-lhes um lar. Numa ocasião tivemos 7 órfãos, meninos e meninas que foram

levados para a França pelo Pe. Olivieri que se dedicava ao resgate de crianças dos mercados de escravos. Essas crianças eram bem vindas nos Orfanatos RSCM e, eventualmente, batizadas. Pouco se sabe do futuro dessas crianças: parece que morreram jovens. (Rosa do C. Sampaio!, 125)

As RSCM dirigiram três Orfanatos, ou até quatro. Um Orfanato, a Colônia Agrícola, era para meninos e ficava em Bayssan. Foi supervisionado pelos Irmãos do Bom Pastor. Porém, em 1882, porque havia poucos Irmãos na comunidade, a responsabilidade deste Orfanato passou para as RSCM. Este orfanato, além de educação, oferecia aos meninos treinamento para serem agricultores. Dois outros Orfanatos eram a Preservação e a Providência, que era a divisão da Preservação para as crianças. Também havia o “Primeiro Orfanato” aquele fundado em 1834.

Mère Sainte Elizabeth Bousquet serviu como diretora desse Orfanato, a partir de 1855, provavelmente substituindo Mère Saint Félix. Como M.Ste. Elizabeth não tinha a qualificação oficial para dirigir “uma escola com orfanato anexo” Mère Saint Paul Mestre era a diretora oficial de todos os Orfanatos. No princípio de 1880, havia 200 órfãos no Primeiro Orfanato, na Preservação e na Providência. Metade das crianças tinha mais de 13 anos. Aprendiam trabalhos de agulha e costura e eram “educadas para a sua posição na sociedade”. Eram conhecidas por se tornarem “excelentes domésticas”. Eram preparadas e colocadas em empregos ao sair do Orfanato. (K.Connell, III)

Uma coisa me é muito clara: à medida que as RSCM faziam uma fundação, fora de Béziers, havia também a expectativa de ter uma escola para pobres ou um orfanato ou uma escola noturna para mulheres pobres. Um exemplo: em correspondência com o Bispo de Liverpool sobre os planos de fundação em Bootle, Gailhac escreve:

O plano de nossas Irmãs para Bootle seria assumir a escola-missão(St. James), ter uma escola noturna se isso for bom para a localidade, uma escola feminina diurna para jovens e um internato. No tempo devido elas gostariam de ter também um orfanato, se Vossa senhoria o aprovar. A glória de Deus e a salvação das pessoas é o único objetivo que elas(as RSCM) têm em vista.(Gailhac ao Bispo Gols, 20/09/1871)

O Orfanato nunca foi aberto mas é interessante ver que era uma expectativa. Outro exemplo: Quando notícias da fundação do Porto chegam a Lisburn, Mère Saint Thomas Hennessey escreveu a Gailhac, a 30 de outubro de 1871:

Eu gostaria de saber se há aí um orfanato ou uma escola diurna para os pobres. Se houver, teríamos a garantia do sucesso, mas acredito que devemos ir devagar no começo para não chamar demais a atenção pública.

Tão logo a comunidade do Porto tomou posse da propriedade onde foi instalada a escola para as estudantes da classe mais rica, as RSCM abriram uma escola para a classe média baixa e uma escola para os pobres. Realizando o desejo de Gailhac, distribuíam roupas e serviam, diariamente, uma refeição para os pobres.

Consciente de que a comunidade do Porto mal podia fazer essas despesas, Gailhac deu alguns conselhos práticos à superiora: “comece a escola para os pobres com grande solenidade; assim atrairá doações que possibilitarão a construção de um estabelecimento permanente” (Gailhac para M.St. Thomas, GS 24/II/79 A). Por volta de 1892, M.St. Thomas Hennessey conseguiu abrir um grande orfanato do outro lado da rua. Ainda hoje existe um grande Orfanato no Porto (Livramento)

Também em Braga, assim que o Instituto assumiu a propriedade do colégio, foi aberta a Escola São José para os pobres. Sessenta estudantes eram educados e alimentados, diariamente, ao meio dia, era-lhes servido sopa, arroz e vegetais. Em Chaves, fundação ao norte de Portugal, foram necessários dois anos de paciência e petição até que as RSCM conseguissem uma sala para educar as crianças pobres da cidade. Contudo, essa necessidade já tinha sido constatada logo depois da chegada das religiosas em Chaves. (K.Connell, III)

Predileção de Gailhac pelos pobres

É evidente: a missão das RSCM inclui crianças de todas as classes da sociedade e este serviço universal sobreviveu a todas as tentativas de limitar nosso ministério de zelo a uma classe particular. Contudo, ao

mesmo tempo, Gailhac revelava sua predileção pelos mais pobres e mais vulneráveis. Em maio de 1884, ele teve uma conversa muito importante com a Mère Saint Félix, então Superiora Geral, na qual lhe ditou suas “recomendações essenciais”. Por causa da importância serão transcritas integralmente:

Você sabe, minha querida filha, o quanto sou apegado às nossas obras de caridade; foi para e por essas pobres crianças que estabeleci a Casa. Os Orfanatos são a fundação do edifício, e você sabe, minha filha, o quanto me custou criá-los e sustentá-los, durante os primeiros dezessete anos (1834 a 1851)

As escolas com internato vieram depois. Foram criadas para ajudar, para sustentar as obras de caridade e, sem dúvida para fazer bem à sociedade. Você vê com que dedicação, cheio de amor, cuidado das queridas internas. Penso que essas queridas crianças aproveitam da boa educação que recebem na Casa e do bem que farão a seus pais e à sociedade.

A você, de todo o coração, eu recomendo os queridos orfanatos. Seria muito triste se alguma superiora os negligenciasse. Se o fizer, estará indo contra as minhas intenções mais formais.

Também desejo que em todas as fundações seja estabelecida uma classe para as meninas pobres enquanto se espera pela possibilidade de abrir um orfanato. Alguma coisa deve ser dada a essas pobres crianças, seja almoço ou lanche. Minha querida filha, são essas obras de caridade que trazem as bênçãos de Deus para o Instituto.

A beleza de uma comunidade são os pobres aos quais se ensina a amar e servir a Deus, formando-os para a prática da virtude e o amor ao trabalho. (Notas a conservar cuidadosamente. Maio 1884 Ap. 3101 – 3102)

É evidente que Mère Saint Félix assumiu a mesma predileção de Gailhac pelos órfãos. No ano de 1880 ela até pediu apoio financeiro. Escreveu ao Padre Superior da Grande Cartuxa pedindo-lhe contribuição para os orfanatos. Explicou que por causa da filoxera, peste que atacou as vinhas, a propriedade de Bayssan não rendeu o suficiente, como também os trabalhos de agulha das órfãs não davam para sustentar o número

crescente de órfãs. E continuou: “Tenho certeza, reverendo Padre, que não vai recusar uma pequena contribuição agora que sabe em nome de quem eu venho”. Tudo indica que ela recebeu uma contribuição pois escreveu novamente para agradecer ao Superior e fazer novo e veemente pedido de ajuda.

As pobres órfãs vêm a nós, duas ou três de cada vez e, frequentemente, se não as recebemos, essas pobrezinhas são encontradas na rua, sem teto nem pão e, especialmente, expostas a uma educação afastada de Deus. Venho, outra vez, bater à sua porta e pedir, em nome de Deus, alguma coisa para os nossos pobres.(1886)

Uma expressão ainda mais marcante do amor de Gailhac pelas crianças pobres ocorreu quando o Instituto sofreu uma crise financeira aguda. Gailhac descreveu-a em carta a uma comunidade (provavelmente Braga) em 1885:

Estamos verdadeiramente angustiados. Todos os recursos se esgotaram. Estamos impossibilitados de fazer face à nossas despesas. Nem mesmo podemos enfrentar as despesas dos trabalhos da quinta de Bayssan, onde é preciso restaurar as vinhas. A filoxera destruiu tudo. Na minha longa vida tenho tido muitas provas, mas esta é a mais dolorosa. A Madre Geral (Mère Saint Félix) e eu não estamos exagerando; este peso esmaga-nos.

O Conselho geral que se reuniu a 02 de agosto de 1885 “para tentar achar uma solução para a nossa falta de recursos financeiros daquele momento” chegou a uma decisão extraordinária. Essa sessão foi cuidadosamente relatada no Livro de Ata “Desde que foi concluída por unanimidade a impossibilidade de solução humana, nós decidimos assegurar a ajuda da Divina Providência com a aceitação de mais órfãs em nossas Instituições de caridade”. Anexo a essa colocação segue um post-scriptum que diz: “Esta solução encontrada na fé foi, sem dúvida, agradável a Deus pois, várias crianças (internas e pagantes) apresentaram-se a nós e, após dois dias, oito foram matriculadas”.

Este acontecimento, a reunião do Conselho Geral de 02 de agosto de 1855, com sua decisão ilógica de aceitar mais órfãs, já que não havia remédio humano possível, foi um evento descrito por Ir. Mary Milligan,

RSCM, em sua palestra dirigida à Universidade Marymount em 1999, por ocasião da comemoração dos 150 anos do Instituto. No decorrer de sua conferência ela citou textualmente três vezes esse trecho da Ata da reunião de 02 de agosto porque ela viu os elementos desse evento como “próximos do coração de nossa identidade”. (RSCM)

Sem explicitar nestes termos, Ir. Mary Milligan quis, efetivamente, lembrar esse evento. Ela quis trazê-lo do passado ao presente para que pudesse ser ativo em nossas comunidades hoje. Ela quis recontar a história daquela reunião do Conselho Geral com Gailhac “para trazer o poder revolucionário, encorajante e libertador do amor e testemunho deles à gerações de hoje” (Johnson, 234)

Na carta da festa do Sagrado Coração de Maria de 2002, o Conselho Geral também lembrou-nos o poder do exemplo de Gailhac e de nossas primeiras Irmãs:

Nós acreditamos que ao responder ao sofrimento e à exploração das mulheres e crianças hoje, 200 anos depois do nascimento de Gailhac, estamos fazendo aquilo que era muito querido ao seu coração e ao coração de nossas primeiras irmãs. Com poucos recursos, elas responderam às necessidades urgentes de seu tempo, criando o Refúgio para as mulheres e o Orfanato para as crianças.

A carta então, continua com a encorajadora lembrança de que os membros atuais do Instituto também acrescentam suas próprias qualidades a esta missão que herdamos:

Cento e cinquenta anos mais tarde, como um grupo internacional de mulheres consagradas “temos imensos recursos para a missão”, alguns dos quais, pelo menos, não estavam disponíveis no início. O Capítulo mencionou estes recursos, entre eles, “nossa criatividade de mulheres” e a “riqueza da experiência no trabalho pela justiça, em diversas culturas locais” (Doc. GG P2)

Gostaria de terminar esta consideração sobre **Mulheres e Crianças na Vida e nos Escritos de Gailhac**, dando-lhe a última palavra. Provavelmente o trecho que segue é conhecido, pois é muito citado, mas

pode ser que você vai vê-lo de um modo novo, como se fosse pela primeira vez. É um trecho da carta de 19 de novembro de 1877 para a Mère Sainte Croix, mas que pode ser dirigida a todas as RSCM, através do Instituto hoje. Gailhac escreve:

Os trabalhos que fazemos não são transitórios, mas obras que desejamos que permaneçam até o fim dos tempos, porque estas obras não são menos que a continuação da Obra da Rendação... Portanto, devemos trabalhar o melhor que pudermos para que o nosso Instituto agrade a Deus pela sua fidelidade aos planos que Ele tem para nós. Que Deus se digne abençoar o Instituto, fazê-lo crescer e guardá-lo forte e vivo até o final dos tempos. Ó minha filha, sejamos santos e trabalhemos por deixar, depois de nós, pessoas santas o suficiente para continuarem as nossas obras, baseadas nos exemplos e ensinamentos que devemos deixar-lhes. Aquilo que Deus começou em nós possa viver, crescer e se tornar cada vez mais perfeito

Abençoo-a e a todas as suas filhas.

Seu pai, Gailhac, Sup.

Ficha Técnica

Edição:	Religiosas do Sagrado Coração de Maria Província Brasileira - Belo Horizonte, 2011
Conselho Provincial:	Ir. Ana Helena Andreão, rscm Ir. Judith Caliman, rscm Ir. Marília Bellini, rscm
Coordenação:	Ir. Lúcia Rezende, rscm
Tradução:	Ir. Judith Lupo
Revisão:	Ir. Ma. de Lourdes Machado
Diagramação e Capa:	Lucienne do Carmo Felix Teixeira

fontes
www.fontes.br



**Instituto das Religiosas do Sagrado Coração de Maria
Província Brasileira**

Rua. Cruz D'Assis, 74 - Prado - CEP 104 11-121
Belo Horizonte - MG - Tel: (11) 1171 1470
E-mail: fontes@recnab.com.br
www.recnab.com.br